

# PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV  
N.º 679

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**LO SECCULO**

## O ESPANTO DO PARDAL

por MANUEL FERREIRA

**H**AVIA muito que os vizinhos andavam a dizer à velha camponesa Eufrásia:

— «O' santinha, porque razão não planta você aquela sua territa que

fica à borda do caminho?»

A velhota resmungava:

— «Qual o quê! A terra não dá nada...»

Os saloios voltavam a insistir:

— «Mas, então, o que é que a ti' Eufrásia semeou lá há cinco anos?»

— «Batatas!» — respondeu a velha.

— «E há quatro?»

— «Também batatas!» — tornava a Eufrásia, de mau modo.

— «Bom. E há três anos?»

— «Couves.

— «E há dois anos?»

— «Couves, também».

— «E no ano passado?»

— «Para variar, — observava a velhota — semeiei couves, outra vez.»

Os saloios riam! E um, mais sabichão, gargalhava:

— «Pois tá de ver. Você semeia sempre a mesma coisa... A terra já está cansada...»

Mas a velhota voltava costas, falando sózinha...



Não calculava o que seria, mas, por curiosidade, começou a regá-la. A plantazinha cresceu.

Ora sucede que um pardalito, ao passar pela fazenda abandonada, viu a planta. Ficou admirado e, vai daí, perguntou à carriça quem havia lançado à terra aquela semente.

— «Não sou daqui!» — respondeu a carriça com o ar mais sincero da sua vida.

Voando, o pardal perguntou à perdiz, que debicava o chão com os seus meninos:

— «Porque razão nasceria aquela planta na terreola da Eufrásia?»

(Continua na página 3)

Certo dia, a Eufrásia, ao entrar na terreola, onde empilhava lenha para o forno, viu uma plantazinha.





# PRIMEIRA COMUNHÃO

por GRACIETTE BRANCO

**A** seis de certo mês,  
dum ano a começar,  
pela primeira vez  
Bébé vai comungar!

A caminho da Igreja,  
o seu bom coração  
tudo contempla e beija  
em plena devoção.

As pedras da calçada,  
o Céu, pelos confins,  
a gente descuidada,  
as casas e os jardins...

E nesse claro dia,  
ardente de beleza,  
havia mais poesia  
em tôda a Natureza!

Os olhos do Menino  
irradiavam luz!  
Levava no Destino  
a Graça de Jesus!

E da velha ramada,  
além, dum cedro antigo,  
indaga a passarada  
em seu cantar amigo:

— «Menino ajuizado,  
oito aninhos a rir,  
queremos descobrir  
qual é o teu pecado...»

E o Menino que tem  
Jesus à sua beira,  
entende muito bem  
e ri da brincadeira...

O Sol aquece e berra!  
É forte a claridade!  
Em seu abraço á Terra  
envolve a Humanidade!

Vibra, no ar, um sino!  
A manhã é mais bela!  
Ajoelha o Menino  
em pequena capela!

Vibra, mais alto, o sino!  
Inclina-se Jesus...  
E na Alma do Menino  
acende-se uma Luz!

Luz cintilando calma,  
ao fim da Vida, até!  
Tem, por candeia, a Alma,  
e, por azeite, a Fé!

## O ESPANTO DO PARDAL *(Continuado da página 1)*

A perdiz, para não manifestar ignorância, desculpou-se:

— «Passei agora aqui, mas sou de muito longe.»

Palavras ditas, num galho duma carvalhica, surgiu uma toutinegra. prontamente o pardalico lhe fez a pergunta. O passarolo respondeu:

— «Só o que sei é que ninguém a semeou. Talvez a cotovia saiba!

Mas a cotovia voltou:

— «Não acredito, compadre pardal. Isso deve ser confusão. Desde que o filho da Eufrásia foi para a tropa, ninguém mais lá entrou na fazenda.»

Assim se passaram dias. O pardal,

cada vez mais intrigado, não desistiu de encontrar solução para aquele problema. Foi consultar o mocho.

Este, doutor da floresta, respondeu, galhofeiro:

— «Não tem nada de admiração, amigo pardal. Uma noite destas, vi, numa rocha, um grão de trigo, que o vento arrastara. Agarrei-o com as patas e voei para o meu ninho. Mas, quando ia por cima da fazenda da tia Eufrásia, o trigo caiu-me. Abaixei-me, mas já não o descobri. Ontem, a Eufrásia regou uma plantazinha que nascera do grão que lá tinha ficado.»

Passado tempo, quando o trigo estava

loiro, a velha apanhou-o, No ano seguinte, a Eufrásia semeou a terreola com o trigo daquela espiga.

Quando soube isto, o doutor mocho sentenciou ao pardal:

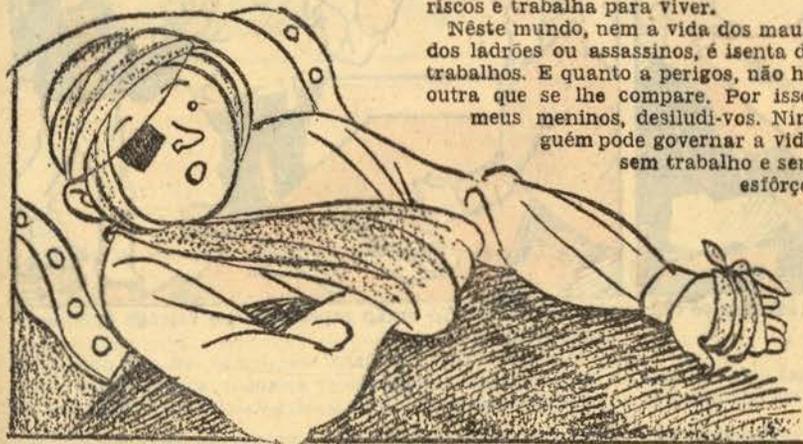
— «Vês, vês tu? Foram o sol e a chuva que desenvolveram o grão de trigo. Mas eu, mocho do bosque, mostrei à velha que, naquele terreno por ela julgado estéril, podia aloirar uma bela seara.»

== F I M ==

## RAÛLITO «COW-BOY» *(Continuado da página anterior)*

vezes, sofreu muito. E mesmo depois de saber bem montar, corre grandes riscos e trabalha para viver.

Neste mundo, nem a vida dos maus, dos ladrões ou assassinos, é isenta de trabalhos. E quanto a perigos, não há outra que se lhe compare. Por isso, meus meninos, desiludi-vos. Ninguém pode governar a vida sem trabalho e sem esforço.



## A NOSSA CONSTRUÇÃO DE HOJE

Mestre caracol, de pauzinhos ao sol, seguia descansadamente por um carreirinho quando, de repente, vê adejar por sobre si umas asas escuras e um feio passarito pousar diante dele. Não teve tempo senão de recolher a cabeça à sua casinha, para evitar uma tremenda bicada daquele animal feroz. Muitíssimo escamado, e com razão, estendeu novamente a cabeça e preparava-se para pregar uma descompostura à ave, quando esta, com nova bicada, o obrigou novamente a recolher à casca.

E assim sucessivamente, o pássaro a bicar e o caracol a fugir.

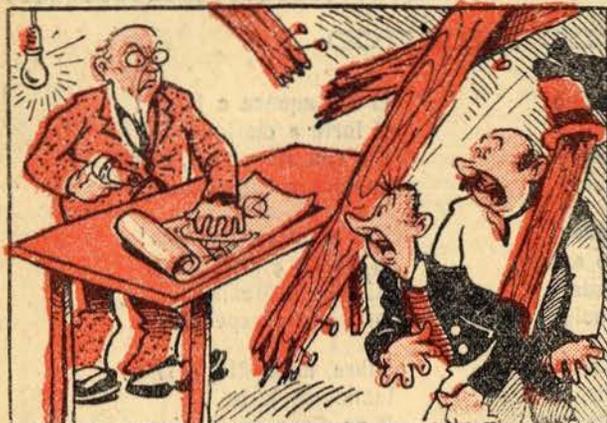
Eis a nossa construção para armar, tão simples que nem sequer necessita de explicações.

Basta guiar-vos pelos dois esquemas para chegardes ao fim sem erros nem aflições.

# VIAGEM AOS PLANETAS

(Continuação do número anterior)

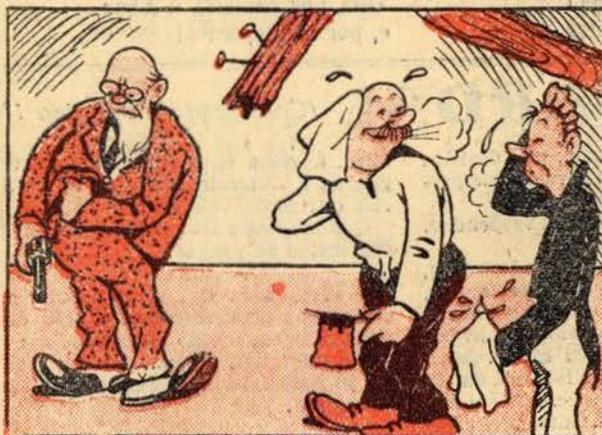
P  
TAVARES LINTO



Como dissemos no número passado, os dois amigos «Tapa-Tudo» e «Passa-Fome» encontraram-se dentro da casinha envoltos em densa escuridão. Verificaram logo, cheios de terror, que estavam a ser observados por uns olhos misteriosos que pertenciam, (e viram isto graças a uma lâmpada que

se acendeu) a um estranho vêlhote de barba branca, que, agarrado a um rolo de papeis, como que temendo que lho roubassem, lhes apontava um enorme pistolão, tomando-os, certamente, por uns gatunos.

Os dois companheiros, apavorados, caíram de joelhos,



gritando: — «Não dispare, não dispare! Nós somos pessoas de bem!»

rapidamente que pôde, o motivo por que ali tinham ido parar.

E, acto contínuo, o gordo «Passa-Fome», contou o mais

— «Apre! — (exclamou, no fim, o vêlhote) — sempre jul-



guel que queriam roubar o meu invento, o trabalho de toda a minha vida.»

vêlhote. Lívra! Só então repararam no estrago que lhe tinham feito na casa.

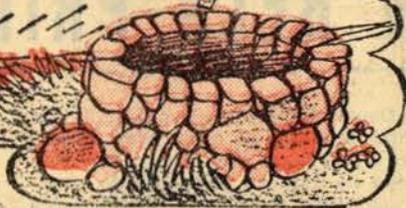
E guardou o pistolão.

Os dois vândios limparam o suor que lhes caía da testa e sopraram, aliviados. Tinham visto a morte nas mãos do

Mas êste, sem fazer caso, mandou-os sentar a uma mesa e apresentou-se: chamava-se «Sabão», era doutor e sábio. Tinha dedicado a sua vida inteira à descoberta duma «bala»

# O REGATO E O POÇO

POR LAURA CHAVES



Na quinta do Mato Grosso,  
à beirinha do pomar,  
existia um grande pôço  
cheio de água, a trasbordar.

Quando a terra se mirrava  
à mingua, numa tortura,  
o pôço nunca secava,  
tinha água com fartura.

Deixava tudo sedento,  
nada dava à Natureza...  
O pôço era um avaro  
guardando a sua riqueza.

Mas o inverno, naquele ano,  
foi bastante rigoroso.  
A chuva fez muito dano,  
enfim, um tempo horroroso.

Corria a água dos montes  
numa tremenda enxurrada...  
Té rebentaram as fontes,  
a terra estava encharcada.

Mas, depois, brilhou o sol,  
houve mesmo um calor louco  
e a terra, que estava mole,  
foi secando a pouco e pouco...

Só um regato ficou  
correndo com alvoroço,  
que, por acaso, passou  
mesmo pertinho do pôço.

Sempre numa cantoria,  
saltava de frágoa em frágoa,  
dizendo a todos: — «Bom dia!  
Quem quer água?! Quem quer água?»

Mas ao pôço, com rudeza,  
disse em seu gorgolejar,  
cusurando essa riqueza  
que êle teimava em guardar:

— «Lamento o destino teu,  
ó pôço de água parada,  
que vês sempre o mesmo céu...  
Que sabes da Vida? Nada!»

Nesta terra que eu devasso,  
dizem-me coisas tão lindas!  
Todos me tolhem o passo  
as darem-me as boas vindas!

Minha água tem outra sorte  
que tem tua água oprimida...  
Tu nunca sofrerás morte  
mas não sabes o que é vida.

Eu deixo uma gôta aqui,  
deixo outra gôta acolá,  
logo uma flôr me sorri,  
logo um bicho diz:—Dá cá!

Vou morrendo dia a dia,  
todos me matam, bem sei,  
mas não perco esta alegria  
nem choro a água que dei.

Cada vez mais pequenino,  
sem águas fundas nem lodos,  
eu cá sigo o meu destino  
repartindo-me por todos.

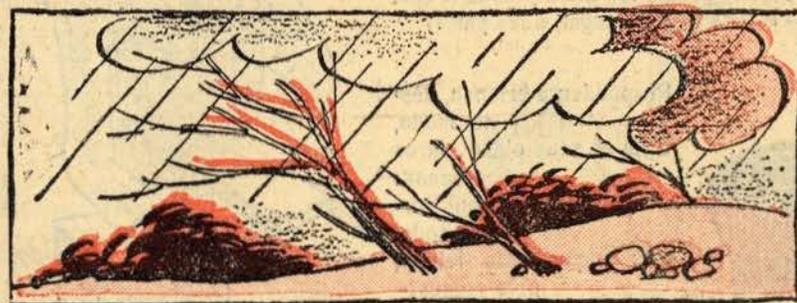
Vou mingando sem receio,  
vou morrendo sem queixume...  
se hoje uma gôta é gorgeio,  
âmanhã será perfume!

E à terra que me bebeu  
e onde aos poucos me sumi,  
eu levo inteirinho o céu  
que em minha água reflecti!

Não temos a mesma sorte,  
eu e tua água oprimida...  
Ela tem vida que é morte  
e eu vou ter morte que é vida!»

A-pesar-de ser ingrato  
o Mundo e não valer nada,  
inda é melhor ser regato  
do que ser água parada.

**F I M**



que permitisse estabelecer comunicação entre a Terra e os outros planetas do sistema solar, e tinha-o conseguido.

Mas esbarrava, agora, em duas grandes dificuldades:  
Nãb tinha dinheiro para comprar os materiais necessários à construção da bala, nem um companheiro que o ajudasse a manobrá-la.

Nesta altura o «Papa-tudo» voltou-se para o companheiro e disse-lhe:

- «Olha lá! Onde vamos nós comer e dormir hoje?»
- «Sei lá!»
- «E amanhã e nos dias seguintes?» — tornou o «Papa-tudo.»
- «Preguntas bem. Se eu sei tanto como tu!»
- «Perfeitamente. Como nada nos prende na terra, se

nós fôssemos dar um passeozinho aos astros com o sr. dr. Sabão?

E voltando-se para êste:

- «A bala comportaria três pessoas?»
- «Sim, respondeu o sábio. Mas a bala? Onde está ela?»
- «Nós nos encarregaremos de arranjar materiais para a sua construção.»
- «Anda daí, «Passa-fome!»
- Levantaram-se e, acompanhados do sábio que os ia livrar das fúrias do cão, dirigiram-se para a estrada, onde se despediram do doutor.
- Qual seria a idéa dos dois amigos, se êles também não tinham dinheiro?...

(Continua no próximo número)

O NOSSO CONCURSO

# A BELA PRINCEZINHA ADORMECIDA

Depois duma cuidadosa selecção das duas centenas de cadernetas presentes a este nosso Concurso, o Júri, reunido na sala da Redacção do «Pim-Pam-Pum», procedeu à classificação das respectivas provas que, na sua generalidade, atestam brilhantemente o entusiasmo com que foi acolhido mais este educativo certame organizado pelo nosso suplemento, desta vez em colaboração com a Casa Philip's.

Entendeu o Júri de justiça louvar todos os concorrentes pelo zêlo com que se houveram na apresentação das suas cadernetas e no cuidado com que coloriram os desenhos do conto: — «A Bela Princesinha Adormecida», distinguindo, todavia, os que mais se esmeraram e classificando-os da seguinte forma:

**PRIMEIRO PRÉMIO**—Amélia Beatriz S. D. Carvalho, concorrente n.º 130, de Seia.

**SEGUNDO PRÉMIO**—Maria Lino

de Oliveira Pereira, concorrente n.º 182, de Lisboa.

**TERCEIRO PRÉMIO**—Léninha Calado de Sousa, concorrente n.º 83, do Porto.

**QUARTO PRÉMIO**—Carlos Manuel N. V. G. de Penha Garcia, concorrente n.º 71, de Espinho.

**QUINTO PRÉMIO**—Manuel J. Coelho, concorrente n.º 148, do Porto.

**MENÇÕES HONROSAS NUMERADAS:**

1.ª—Maria de Lourdes Valentim, n.º 140, de Lisboa.

2.ª—Maria Beatriz da Cunha, n.º 19, de Odivelas.

3.ª—Maria Luiza Valente, n.º 159, do Porto.

4.ª—João Frade Enns, n.º 99, de Olhão.

5.ª—José Guilherme Pinto da Cunha, n.º 100, do Porto.

6.ª—Maria Lucília Mendes de Abreu, n.º 74, Algés.

7.ª—Raúl Vaz Macedo, n.º 170, de Lisboa.

8.ª—Maria Delmira Lemos, n.º 64, de Escurquela.

9.ª—Carlos Rocha Pires, n.º 56, de Lisboa.

10.ª—Rui dos Santos S. P. Péta, n.º 54, de Lisboa.

**MENÇÕES HONROSAS SEM NUMERAÇÃO:**

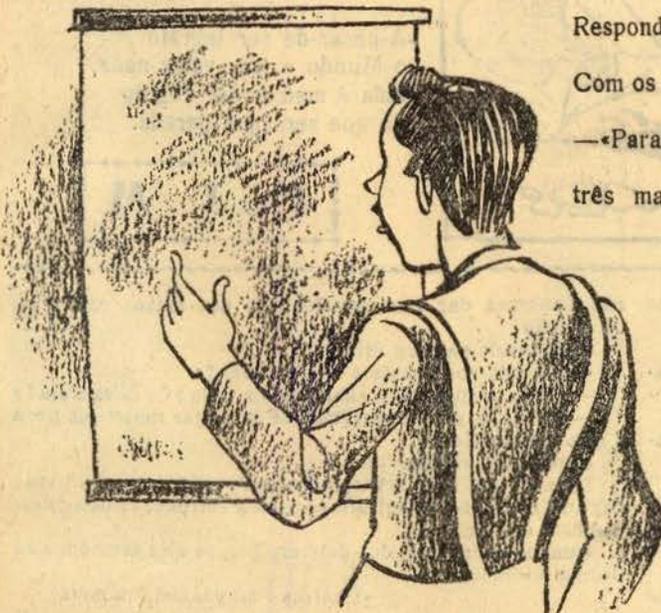
Victor Hugo d'Oliveira G. Henriques, José Casimiro Alvaro Leote, Artur Luiz Almeida T. de Vasconcelos, Luiz Barbosa Horta, António Pedro Ribeiro, José Rafael L. Saraiva, Maria Carlota de Araujo, Artur Manuel Lopes M. Neves, Maria Otília S. Martins, Maria da Conceição C. B. Ribeiro, Manuel Fernandes T. David, Alberto Formosinho Angelino, Luís de Mendanha, João da Silva C. Baião, Salomé Antunes Guerra, Esmeralda

(Continua na pag. 7)

## PORTUGAL não é um país pequeno

Num colégio de França—(que talvez levava a tantos mais a primazia)—um certo garotinho português foi chamado à lição de Geografia...

Mostrando-lhe num mapa tóda a Europa, para ver a esperteza do petiz, o Mestre perguntou-lhe, à queima-roupa: — «Onde está Portugal, o teu país?»



Respondeu a criança, deste modo, Com os seus olhos claros e serenos: — «Para apontar, aqui, Portugal todo, três mapas inda faltam, pelo menos!»



— «Porquê?» Volve-lhe o Mestre, grave e sério. Mas o petiz tornou sem cerimónias: — «Porque o meu Portugal é um Império! Também devo apontar suas Colónias.»

O professor francês, então, expande a sua admiração e assim lhe diz: — «Pequeno português, tens alma grande, tão grande quanto é grande o teu País!»

# UM JOGO

... muito interessante para estas noites de inverno...

Arranjem um tabuleiro de madeira, ou mesmo de cartão forte, do tamanho e feitiço indicados na figura 1.

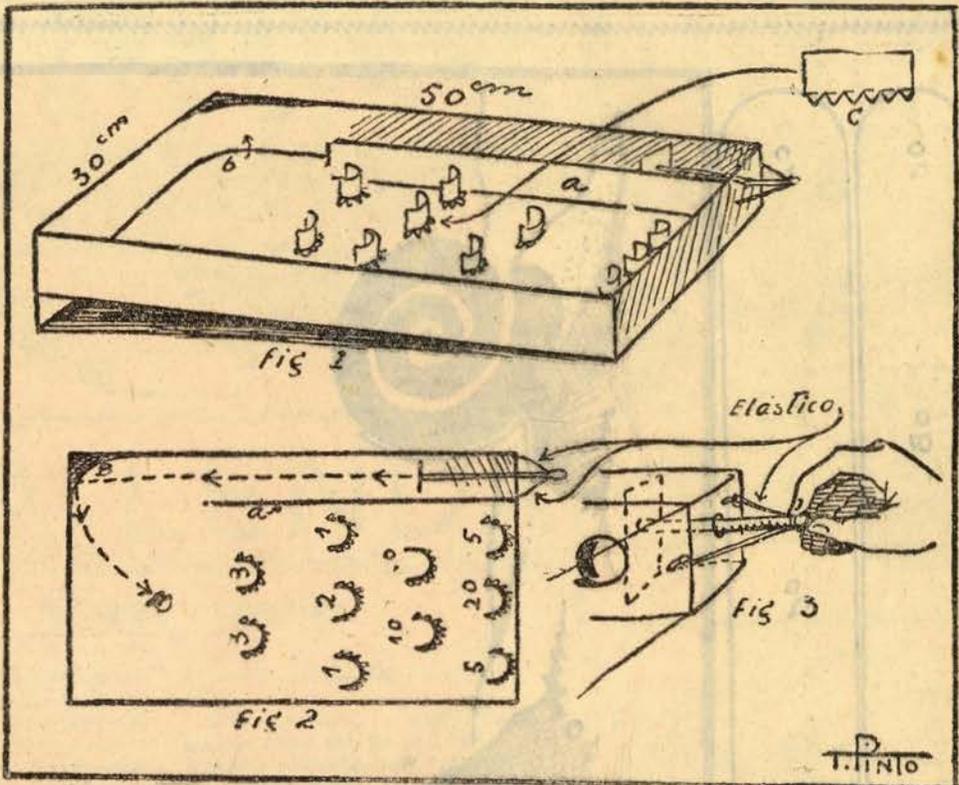
A seguir, colem no fundo, num dos lados, uma tira de cartão para ficar, desse lado, mais elevado.

Colem-lhe, depois, por dentro, uma tira de cartão (a) e outra (b) como mostram as figuras 1 e 2.

Vamos, agora, ao aparelho de atirar a bola (fig. 3). Compõe-se dum quadradinho de cartão, duma haste de madeira e dum elástico. Vejam a forma de se armar na figura 3.

Faltam ainda as tiras de cartão (c) as quais, armadas em semi-círculo, amparam a esfera.

Por último, vamos às explicações do jogo. Podem entrar os jogadores que quiserem, jogando cada um de per-si. Exemplo: Um jogador põe o berlinde no... «canhão.» Puxa a haste, e larga.



O berlinde, impulsionado pela pancada, sobe o corredorzinho, vai bater na tira arredondada (b) e é atirado para o meio do tabuleiro; depois, pela inclinação deste, vai rebolando até entrar

num dos tais semi-círculos de cartão, numerados. Ganha, é claro, o jogador que, ao fim de tantas jogadas, (20 por exemplo) obtiver um mais alto número de pontos.

## A bela Princesinha adormecida

(Continuado da pagina 6)

M. Mil-Homens Ferreira, Simbolina Mil-Homens Ferreira, Murilo Luis Agostinho, Maria Carolina de C. Durão, António J. Carreira da Cunha, Vera Maria de C. Corte Real, Maria Manuela de L. P. Duarte, Maria Célia C. dos Santos, Maria Dulce C. Lopes, Maria Luisa R. da Costa, Leonor Esteves de Castro, Maria da Conceição Figueira, Edite das Dores Vieira, Francisco de Souza Reina, Lucilla de Carvalho Costa, António B. Pinheiro de Araujo, Constantino A. Faria Sopas, Victor Gonçalves dos Santos, Maria Arminda de O. Fonseca, Raul Pimenta, Maria de Lourdes Viegas, Manuel Osório da Conceição Santos, Manuel José de Campos Costa, João Dias Fiadeiro Júnior, Eduardo F. de Macedo, Maria Frederica V. de M. Leitão, Manuel Eduardo Ferreira, Manuel e J. Valente Dias.

Os cinco prémios são constituídos por interessantes brinquedos, que ficam à disposição dos meninos premiados, de hoje em diante, na redacção do nosso suplemento.

Os meninos classificados com menção honrosa, podem reclamá-las passado o dia 24 do corrente.

## CURIOSIDADES

## A IDADE AVANÇADA DE ALGUNS PINTORES

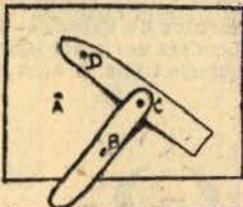
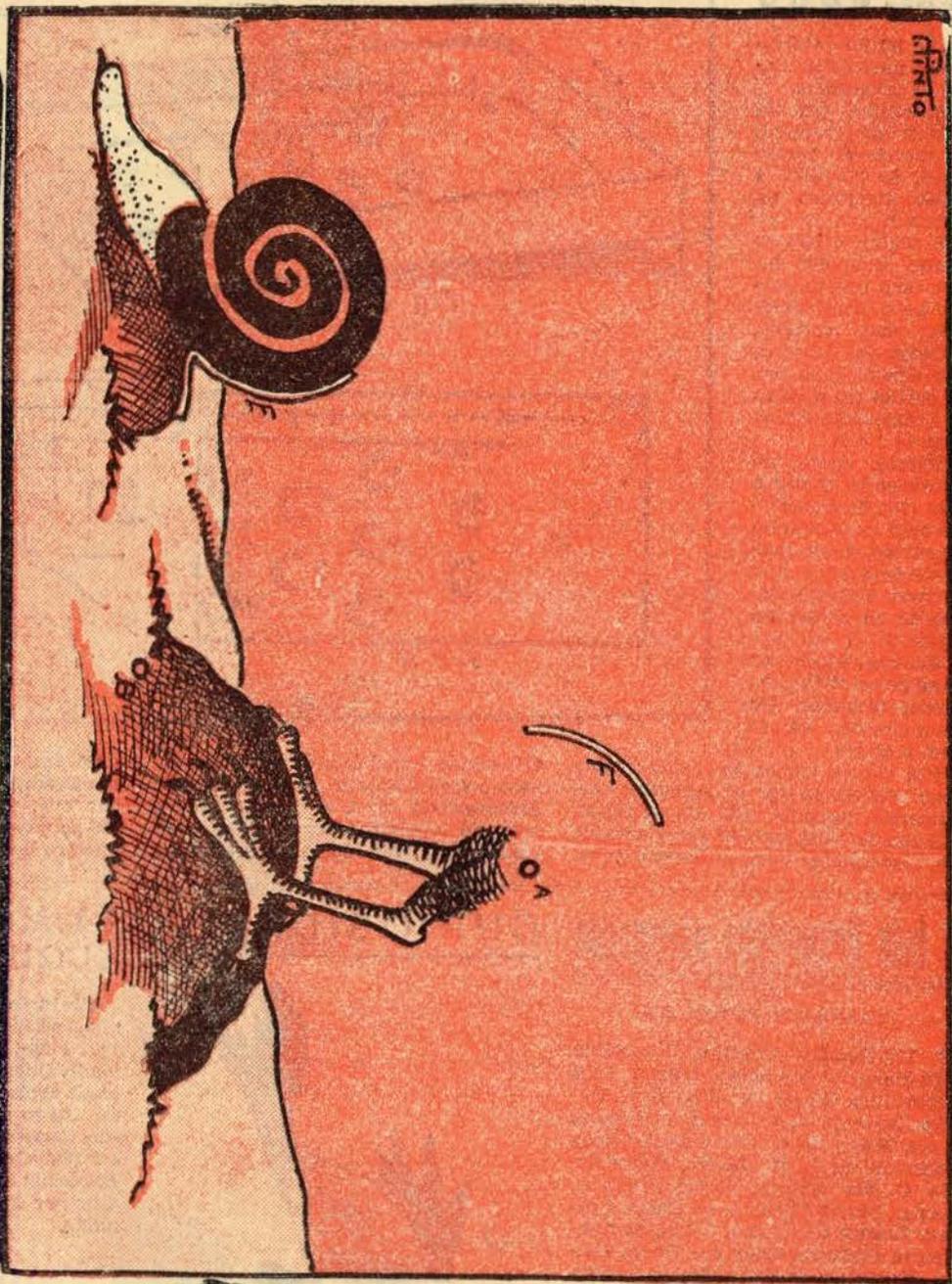
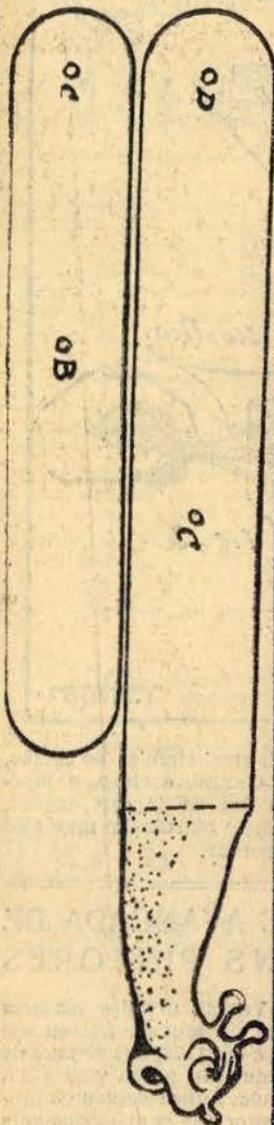
Ticiano Vecelli, um dos pintores mais célebres do mundo, nasceu em 1477 e morreu em 1576, aos 99 anos de idade. Durante toda a sua vida até à idade avançada, nunca deixou de pintar. Outro pintor que se distingue pela sua idade é Tomás Sitney, que nasceu em 1803 e apresentou na Exposição da Academia de Londres um quadro, pintado por ele, quando tinha 99 anos de idade.



## A AGUA FERVIDA E OS PEIXES

Os peixes não podem viver em água fervida, porque, ao ferver, a água perde grande parte do oxigénio que a compõe. Este é tão necessário à respiração dos peixes como a dos animais terrestres.





**PARA ARMAR**

por TAVARES PINTO - 38